A DUPLICIDADE DE CARÁTER DA NATUREZA HUMANA NO CONTO O ENFERMEIRO, DE MACHADO DE ASSIS.

Jordana Vasconcelos Frazão[1]
Yara Jane Costa Ribeiro[2]
Profa. Msc. Elaine Araújo[3]

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO – IESF/MA

RESUMO

Este artigo discute a duplicidade de caráter, natural da personalidade humana por meio da análise do conto *O Enfermeiro*, de Machado de Assis, dentro de um contexto psicológico e filosófico, demonstrando as características das personagens e justificando o comportamento das mesmas através de embasamento teórico que trate do assunto. Para isto será realizada primeiramente uma introdução explicativa sobre a pesquisa, bem como o resumo do conto analisado. Em sequência será traçado um paralelo entre a vida e a obra do autor, abrindo espaço para a análise psicológica e filosófica dos protagonistas do conto. E, por último serão apresentadas ações metodológicas para trabalhar este conto no Ensino Médio.

Palavras-chaves: Caráter. Personalidade. Psicológico. Filosófico.

ABSTRACT

This article discusses the duplicity of character, natural human personality through the analysis of the short story The Nurse, Machado de Assis, within a philosophical and psychological context, demonstrating the characteristics of the characters and explaining the behavior of the same theoretical framework through which treat the subject. To this will be accomplished primarily an explanatory introduction about the research, and the summary of the story analyzed. In sequence is drawn a parallel between the life and work of the author, making room for philosophical and psychological analysis of the protagonists of the story. And lastly will be presented methodological actions to work this story in high school.

Keywords: *Character. Personality. Psychological. Philosophical.*

1 INTRODUÇÃO

O conto *O Enfermeiro* é mais um enredo magnífico elaborado por um dos maiores representantes da literatura brasileira. E como toda obra machadiana requer uma análise minuciosa. Neste contexto, o presente artigo trará a representação da realidade demonstrada pela duplicidade de caráter das personagens Felisberto e Procópio, apresentando, ambos, no decorrer do conto uma dupla personalidade que oscila entre o paradoxo do bem e do mal.

---

[1] Graduada em Letras pela Faculdade Atenas Maranhense/FAMA, com habilitação em Língua Inglesa. Técnica em Eletromecânica pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial/ SENAI. Exerce a função de Supervisora da Assistência Técnica na empresa Kanmed.

[2] Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão/UFMA, com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa. Exerce a função de professora de Língua Portuguesa da U. E B. Salomão Fiquene e C.E. Bacelar Portela em São Luís-MA.

[3] Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão/ UFMA. Especialista em Planejamento Educacional. Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília/ UCB.

O conto é narrado por Procópio, um copista que recebe uma proposta do vigário para servir de enfermeiro para o coronel Felisberto, um homem doente e solitário que maltratava todos os acompanhantes que passavam pela sua residência. Procópio aceita a proposta mesmo sabendo dos antecedentes do coronel e passa os primeiros sete dias em um "mar de rosas", uma verdadeira "lua de mel", depois desse período, começa a ser maltratado pelo coronel até não aguentar mais, tendo um ataque de fúria e estrangulando-o até a morte. Após o ato, Procópio tenta reanimá-lo, porém não obtendo sucesso decide esconder os vestígios do crime para não ser descoberto. Aguarda o enterro, e, em seguida, vai embora da vila. Algum tempo depois, recebe a notícia de que o coronel havia deixado toda a sua fortuna para ele, e atordoado quase não acredita, chegando a pensar que se tratava de uma cilada. Somente depois de muito refletir, resolve voltar à vila para tomar posse da herança, e para amenizar a sua culpa, resolve fazer algumas doações aos pobres.

Dessa forma, emerge uma questão: Como apresentar a análise do conto *O Enfermeiro,* dentro de um contexto psicológico e filosófico que justifique a oscilação de caráter das personagens?

Conforme a taxionomia de Vergara (2003), a pesquisa, quanto aos fins, é descritiva e explicativa. Optou-se pela pesquisa descritiva, por expor as características gerais da obra machadiana. Explicativa, por justificar a análise do conto na perspectiva psicológica e sociológica. E quanto aos meios, ainda segundo a mesma autora, é bibliográfica face a necessidade de se recorrer a uma vasta literatura para construção do marco teórico e construção da análise crítica.

A pesquisa possibilitará a compreensão da influência da psicologia e filosofia na análise de uma obra literária relacionada ao estudo da duplicidade do caráter humano, podendo ainda fomentar a necessidade de outras pesquisas nesta área, tendo relevância especialmente para acadêmicos de Letras, bem como estudiosos do psicológico e filosófico que vislumbrem nos textos literários mecanismos que demonstrem suas teorias.

Sendo assim, para concretização da pesquisa, primeiramente, analisa-se o marco teórico do problema, revisando literaturas que tratam do contexto psicológico e filosófico da obra machadiana, logo após, por meio de justificativas, discutem-se os enfoques supracitados no conto em estudo e, por último, propõem-se sugestões metodológicas que possam ser trabalhadas em sala de aula.

2 MARCO TEÓRICO DO PROBLEMA

2.1 O autor e o conto

Para se poder realizar a análise de uma obra literária, faz-se necessário discutir sobre a vida e a obra dos autores porque, dessa forma é possível conhecer a realidade em que viveu e os estímulos que o levaram a produzir determinado texto, contribuindo, assim, para o entendimento da narrativa.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Neto de escravos alforriados, vítima de preconceito, perde a irmã aos seis anos e a mãe aos dez, foi criado pela madrasta e mesmo não tendo acesso aos cursos regulares empenhou-se em aprender, superando as dificuldades e tornando-se um grande escritor.

Machado de Assis foi uma grande perda para o Brasil. A sua sensibilidade em relação à obra escrita é algo imensurável. O conto O Enfermeiro enfatiza a duplicidade de caráter da natureza humana onde há de convir-se que:

> [...] Quando é sabido como literatura, as artes, refletem o estádio da civilização; quando é sabido que pelas obras deste se pode até certo ponto reconstituir um período social, não se pode admitir que um escritor da nomeada de Machado de Assis não deixe entrever em sua vasta obra nenhum sinal do momento em que viveu. (MARCONDES, 2008, p. 115 apud COUTO, 1910)

Para Couto (1910) a impessoalidade é uma das características principais do autor, porém é possível contemplar por meio da leitura da obra, traços do contexto histórico, social e comportamental por meio dos caminhos trilhados pelas personagens, levando o leitor a conhecer algumas das experiências e vivências do autor. Dessa forma, convém ressaltar que o conto, em análise, traz consigo o modo de vida na década de 1860, período este em que o autor encontrava-se no auge da sua juventude e já observava a dissimulação e a vaidade, dentre outras características negativas da personalidade humana.

Faz-se necessário enfatizar que tais experiências serviram de suporte e inspiração para o autor nas suas produções, porém não se pode deixar de lado o imaginário e o impessoal, o que torna a análise crítica ainda mais complexa. Segundo Marcondes (2008) não há como dissociar a obra de Machado do universo em que ele viveu: dos costumes de então; dos salões; dos barões e comendadores; dos landaus e tílburis; da iluminação a gás; do nascimento do transporte público.

Machado de Assis passa a escrever contos, primeiramente influenciado pelo Romantismo, visto que, nesse período, os escritores produziam obras de acordo com o movimento, objetivando expressar os estados da alma. O conto *O Enfermeiro* foi publicado em 1896 e faz parte do livro *Várias Histórias.*

2.2 Análise psicológica dos protagonistas no conto *O Enfermeiro*

A partir da leitura dos contos machadianos, em especial, *O Enfermeiro*, objeto de análise, percebe-se a necessidade de refletir e analisar os dilemas e contradições do ser humano, uma vez que o próprio conto convoca o leitor desde o início a fazer uma reflexão sobre a essência moral dos valores humanos a partir de pensamentos e ações das personagens Procópio e Felisberto.

Nesse contexto, vale destacar a proposição a seguir:

> Para além do caráter singular das histórias e de seus desfechos convencionais ou surpreendentes, é como se o autor de *Ressurreição* tivesse progressivamente formulado sua posição do mundo através da ação dos personagens, transformando a literatura numa máquina privilegiada para pensar a condição humana (ASSIS, apud ROCHA, 2008, p. 9).

No início do processo narrativo, Procópio mostra-se paciente e servil. Entretanto, seu comportamento muda à medida que recebe tratamento hostil por parte do coronel. Dessa forma, é que Procópio tomado por um momento de fúria chega a estrangular Felisberto. Em contrapartida, o criminoso fica sabendo, algum tempo depois, que herdara toda a fortuna daquele que era visto como um verdadeiro algoz.

Percebe-se, então, a existência de dupla personalidade em ambos. Diante disso, o autor demonstra, ainda que implicitamente, que o ser humano não é tão bom ou tão mau quanto possa parecer.

Nessa assertiva, torna-se pertinente a síntese:

> Nos contos em que se defrontam pares, é frequente ver os sujeitos se disporem em relações assimétricas em torno do bem desejado. Nesse confronto, é mais fraco, e acaba mal, sempre aquele que age aberta e desprotegidamente na sua relação com o outro. O vencedor, ao contrário, é aquele que correu firmemente para o interesse individual, para o status; e que, em situações de risco, não deixou jamais cair a máscara. (BOSI, 2007, p.112)

Destaca-se, nesse momento, o jogo entre a verdade e a mentira, o distanciamento entre o ser e o parecer. Há, portanto, uma transformação não apenas nos perfis psicológicos das personagens, já que o leitor também é levado a repensar suas convicções iniciais e, neste

processo de desmascaramento da ideologia valorativa, cabe a ele refletir e rever seus próprios valores.

2.3 A natureza do caráter humano

A palavra caráter vem do grego *charássein,* que significa riscar, traçar, cunhar, originalmente, traço impregnado, cunho, nota ou realizada em que se reconhece uma coisa, propriedades que distinguem a singularidade e individualidade de alguém. Vários estudiosos valorizam o caráter do indivíduo na construção de processos psicológicos, por meio das interações com seu contexto físico, simbólico e sociocultural, em seus diferentes níveis. Para Vygotsky (1978/1991), a internalização das atividades enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui aspecto característico da psicologia humana.

No caso das personagens Procópio e Felisberto, pode-se perceber oscilações frequentes de caráter. Procópio inicialmente aparenta ser uma pessoa calma e tranquila, disposto a servir o coronel Felisberto da melhor maneira possível, por sua vez, o coronel primeiramente demonstra grande afeição pelo seu novo acompanhante, porém isso ocorre apenas durante a primeira semana de convívio. “Ele mesmo o declarou ao vigário, acrescentando que eu era o mais simpático dos enfermeiros que tivera. A verdade é que vivemos uma lua-de-mel de sete dias”. (ASSIS, apud ROCHA, 2008, p. 163)

Partindo do pressuposto que, durante o curso da vida, haverá também uma interrupção da sequência das experiências de aprendizagem que são essenciais ao desenvolvimento humano à medida que o individuo vai envelhecendo, tal interrupção pode justificar a oscilação de caráter do coronel Felisberto no fim da vida, acometido por várias doenças e também pela solidão.

> A moléstia era um rosário delas, padecia de aneurisma, de reumatismo e de três ou quatro afecções menores, tinha perto de sessenta anos e desde os cinco toda gente lhe fazia a vontade. Se fosse só rabugento, vá; mas ele era mau, deleitava-se com a dor e a humilhação dos outros. (ASSIS, apud ROCHA, 2008, p, 163)

Já com idade avançada e acometido de tantas doenças, o coronel ainda apresentava indícios de ter sido uma criança mimada, que tinha tudo que desejava na hora que lhe convinha, mais um agravante que justifica em parte a personalidade má da personagem, que por saber que o fim de sua vida estava próximo se torna uma pessoa rabugenta, tanto pelos sintomas da doença, como também pelo efeito dos remédios.

A característica de criança mimada apresentada no conto demonstra a relação entre pais e filhos, onde a superproteção poderá acarretar em problemas na formação do caráter e da personalidade do indivíduo. Para Mussen (1982) a criança que sofre superproteção poderá tornar-se irreverente, teimosa e hostil.

Além disso, para tentar compreender o caráter do coronel, compactua-se com as ideias do psicólogo behaviorista Skinner, que acredita que a pesquisa psicológica deveria ser realizada a partir de comportamentos possíveis de observação e não em pensamentos impossíveis de serem observados. Para Skinner o comportamento é aprendido principalmente a partir dos resultados das ações. (BENSON, 2012)

Dessa forma, torna-se compreensível analisar o caráter de Felisberto a partir do fragmento que trata da sua infância onde todos faziam a sua vontade. Do mesmo modo, percebe-se em Procópio alterações comportamentais oriundas de determinadas ações do outro.

> Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da moringa e arremessá-la contra min. Não tive tempo de desviar-me; [...] atirei-me ao doente, pus-lhe aos mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o. (ASSIS, apud ROCHA, 2008, p. 165)

É interessante relembrar que Procópio é o narrador e mais uma vez as armadilhas machadianas requerem um leitor perspicaz, já que Machado é um verdadeiro mestre em demonstrar a hipocrisia do ser humano, seus falsos valores através de uma tênue e bela ironia: “Bem aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”, como é finalizado no conto pelo bruxo do Cosme Velho.

Teles (2001) ressalta que o comportamento humano é, em essência, reações e respostas aos estímulos que vêm de dentro do nosso organismo e do mundo exterior, sendo que funcionamos como estímulo para outros indivíduos e vice-versa. “Já por esse tempo tinha eu perdido a escassa dose de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente; trazia dentro de mim um fermento de ódio e aversão” (ASSIS, apud ROCHA, 2008, p.164).

Observa-se que as atitudes de Procópio foram diretamente motivadas pela mudança do tratamento do coronel Felisberto, ou seja, ele respondeu ao estímulo negativo de forma agressiva como meio de impor-se e sobreviver. Outro fator inerente à personalidade humana é citado por Mussen (1982), onde o mesmo concorda com outros psicólogos sobre a grande importância da família na determinação dos traços de personalidade do individuo.

> Não tinha parentes; tinha um sobrinho que morreu tísico, em fins de maio ou princípios de junho, em Minas. Os amigos iam por lá às vezes aprová-lo, aplaudi-lo, e nada mais; cinco, dez minutos de visita. Restava eu; era eu sozinho para o

> dicionário inteiro. Mais de uma vez resolvi sair; mas, instado pelo vigário, ia ficando. (ASSIS, apud ROCHA, 2008, p. 164)

O coronel Felisberto não tinha parentes, e os poucos amigos, se é que realmente eram, passavam rapidamente como as visitas de médico, este é mais um fator que motivaria o seu comportamento em relação à Procópio, o único que estava ali todo tempo para suportar suas crises, relacionadas à solidão e aos sintomas das enfermidades que colecionava (aneurisma, reumatismo e mais umas quatro afecções menores), além da idade, que também ocasiona em alterações comportamentais.

Lane (1981) defende que o indivíduo é constituído de suas relações sociais e é, ao mesmo tempo, passivo e ativo (determinado e determinante). Felisberto e Procópio resumem essa defesa perfeitamente, uma vez que as personagens apresentam-se tanto da forma passiva como ativa, ambos trazem características anteriores que sobrecarregam as atitudes, como a ausência da família no caso de Felisberto e a frustração como copista de Procópio.

2.4 As máscaras sociais e suas (in)certezas

Como é próprio dos textos machadianos, o conto em questão traz várias temáticas também de cunho filosófico, que obrigam o leitor a repensar sobre a obra, sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia.

Em *O Enfermeiro* percebe-se nitidamente a relação entre o ser e o parecer, a necessidade do uso de máscaras sociais na busca da auto-afirmação dos personagens, principalmente de Procópio.

A princípio, o protagonista é apresentado ao leitor como um ser paciente, dependente economicamente dos favores de um padre, já que recebia casa e comida como forma de pagamento pelo seu trabalho como copista. Em razão da sua posição subalterna é que a personagem aceita prontamente a oferta do novo emprego e vai adaptando-se às humilhações por parte do coronel.

> [...] fiz-me teólogo– quero dizer, copiava os estudos de uma teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro do colégio, que assim me dava, delicadamente, casa, cama e mesa. (ASSIS apud ROCHA, 2008, p.161 e 162)
> [...] recebeu ele uma carta de um vigário de certa vila do interior perguntando se conhecia pessoa entendida, discreta e paciente, que quisesse ir servir de enfermeiro ao coronel Felisberto, mediante um bom ordenado. O padre falou-me, aceitei com ambas as mãos [...] (ASSIS apud ROCHA, 2008, p. 162)
> [...] A verdade é que vivemos uma lua-de-mel de sete dias. (ASSIS apud ROCHA, 2008, p.163)

Pelos fragmentos acima mencionados, compartilha-se com as ideias de Bosi (2007, p. 125) quando diz: “A perspectiva de Machado é a da contradição que se despista, o terrorista que se finge diplomata. É preciso olhar para a máscara e para o fundo dos olhos que o corte da máscara permite às vezes entrever”. Percebe-se, por meio do comportamento de Procópio, desde o início de sua descrição, que o uso da máscara é imprescindível para a garantia de sua sobrevivência. Um mascaramento que vai evoluindo a cada dia de sua existência e que atinge um ponto crucial com o acontecimento daquela que fora considerada uma noite fatídica, já que ele levado pelo medo do castigo tenta camuflar o delito, o que consegue fazer de forma espetacular, pois as pessoas não desconfiaram de sua ação.

> [...] Não tive tempo de desviar-me; a moringa bateu-me na face esquerda, [...] atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o. [...] Vi no pescoço o sinal das minhas unhas; abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol.[...] Não saí da sala mortuária, tinha medo de que descobrissem alguma coisa.[...]E eu aproveitava a ilusão, fazendo muitos elogios ao morto.[...] sete dias depois de chegar no Rio de Janeiro, recebi a carta do vigário, que lhe mostrei, dizendo-me que fora achado o testamento do coronel e que era o herdeiro universal.(ASSIS, 2008, p.165-168).

Os fragmentos acima coadunam com o pensamento de Aranha (2003, p.354) quando diz que “as expressões da consciência humana – inclusive a moral – são o reflexo das relações que os seres humanos estabelecem na sociedade para produzirem sua existência.” Situação que se torna evidente no conto, uma vez que as pessoas que estavam ao seu redor, acabaram valorizando muito mais a aparência do que a essência. O que realmente passara-se somente o narrador personagem sabia e fez questão de deixar essa espécie de testamento aos leitores com a prazerosa e árdua tarefa de refletir acerca da condição humana.

É interessante, ainda, notar a forma como o conto é finalizado: “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados” (ASSIS, 2008, p.171). Nessa perspectiva, fica evidente a onipotência oriunda do dinheiro, que se configura como mola propulsora das ações humanas. Nesse contexto, cabe mencionar o pensamento do filósofo Paul Lafargue quando afirma que o dinheiro, naquele que o possui, substitui a virtude.

E nessa busca incessante pelo ter, pelo desejo de parecer, que Machado consegue adentrar nas profundezas da individualidade do ser humano, ainda que de forma implícita, por meio da ironia, de meias-palavras que são sugeridas ou mencionadas. Em uma tentativa de desvendar os mistérios que estão por trás dessa fina capa que acoberta as relações do homem com o próximo e que acabam revelando os valores vigentes em nossa sociedade, fazendo com

que o leitor sinta-se inquietado com esse eterno jogo de aparências, com a hipocrisia, com a mesquinhez da natureza humana.

2.5 Ações metodológicas

O conto *O Enfermeiro*, de Machado de Assis constitui-se um excelente instrumento didático a ser trabalhado com alunos do 2º ano do Ensino Médio, visto que o currículo solicita o estudo do Realismo nesta série, portanto, momento em que para muitos é apresentado esse grande escritor, considerado o maior representante da prosa realista da literatura brasileira, fazendo-se necessária uma explicação do docente de literatura acerca da referida escola literária e do próprio autor, como forma de auxiliar a compreensão do texto, através de leituras e releituras, já que ler Machado configura-se sempre um olhar inédito, algo de diferente parece ser sempre encontrado.

O trabalho poderá começar nas aulas de Língua Portuguesa, com a leitura e análise dos elementos que constituem um texto escrito em forma de conto. Podendo, ainda, ser solicitado o resumo do conto, bem como uma dramatização do mesmo.

Com a colaboração do professor de História, este poderá trabalhar com o conto a partir de uma análise do contexto histórico da obra, solicitando pesquisas e, consequentemente, um novo olhar interpretativo será vislumbrado, pois assim, observar-se-á nitidamente a relação entre os textos literários e seus contextos de produção, como lembra Marcondes (2008, p. 27): “Sendo a cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX o cenário dos romances de Machado de Assis, torna-se útil à análise de sua obra a incursão sobre aspectos locais ligados ao dia-a-dia das suas personagens”.

É surpreendente a riqueza desse conto, pois apesar de bastante condensado consegue deixar evidente a relação existente entre a Psicologia e a Literatura, uma vez que apresenta de forma objetiva as contradições da natureza humana, ainda que de forma irônica – recurso bastante utilizado pelo grande escritor, exemplificadas nos personagens Procópio e Felisberto, servindo, portanto, o referido texto também como elemento desencadeador para a reflexão do comportamento do homem.

Compactuando com as ideias de Amorim (2012, p.17) “A Filosofia no Brasil está nas travessas, na superfície, nos becos, nos folhetins, em nossa Literatura, contos, romances e nas crônicas jornalistas.” É que acredita-se que *O Enfermeiro* apresenta-se como material de excelência para análise do eu e do outro e dos valores que perduram em nosso meio.

O fragmento abaixo do mesmo professor doutor vem ao encontro com as idéias apresentadas ao longo desse trabalho quando diz:

> Precisamos flanar em direção à nossa Literatura, ler nossas crônicas jornalísticas, que, por mais folhetinescas que sejam, possuem mais Filosofia do que nossos ambientes acadêmicos, pois realizam a reflexão da nossa condição a partir de relatos do nosso cotidiano. A Filosofia Brasileira pode ser descrita como um relato literário-poético de nossa existência. Diferentemente do ambiente acadêmico, onde só restam testamentos de papagaios. (AMORIM, 2012, p. 21)

Dessa forma, o referido conto poderá ser perfeitamente trabalhado nas aulas de Filosofia como análise de uma estrutura social que permite corromper-se pelo dinheiro, pelo jogo das aparências, pelo egoísmo, pela individualidade. Enfim, pelo apego exacerbado do ter em detrimento do ser.

Vê-se, portanto, que *O Enfermeiro* assim como muitos outros contos machadianos apresentam-se como elementos norteadores para grandes projetos interdisciplinares em nossos estabelecimentos de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto evidencia alguns conflitos internos pelos quais o indivíduo passa por meio das intervenções sociais e atitudes do outro, e que tendem a ser elementos constituintes na formação do caráter e da personalidade. É importante esclarecer a pesquisa não se restringe à simples análise comportamental das personagens, esta serve para demonstrar que o individuo é um ser surpreendente em relação ao meio em que vive.

Essa temática pode ser estimulada no trabalho em sala de aula como maneira de sensibilização dos alunos para a formação do caráter e da personalidade, demonstrando que as atitudes do outro refletem no comportamento do indivíduo e que podem ser para o bem ou para o mal. O trabalho em sala de aula dentro do contexto psicológico e filosófico com o auxílio do conto levará o aluno a questionar, imaginar suposições para as atitudes das personagens embasados por aquilo que fariam no lugar das personagens, uma forma de experimentar a situação, julgar e tentar resolver problemas reais.

Dessa forma, a partir desse estudo, pode-se perceber que a literatura traz consigo uma gama de opções para o trabalho interdisciplinar, como uma rica fonte de produção de conhecimento, servindo ao leitor como ferramenta que permite experimentar as emoções e ter acesso às diversas formas de linguagem, sendo esta determinante na organização e no

desenvolvimento do pensamento humano, o que amplia a busca pela compreensão e sentido do mundo que nos rodeia.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Wellington Lima. A arte de flanar. **Filosofia:** ciência e vida. São Paulo, n. 75, p. 17-23, out. 2012.

ARANHA, Maria; MARTINS, Maria. **Filosofando:** introdução à Filosofia. 3ª ed. Revista – São Paulo: Moderna, 2003.

ASSIS, Machado de. **Contos de Machado de Assis**: dissimulação e vaidade. ROCHA, João (org.), Rio de Janeiro: Record, 2008.

BENSON, Nigel. et al. **O Livro da Psicologia.** Tradução de Clara Hermeto; Ana Luísa Martins. São Paulo: Globo, 2012.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis:** o enigma do olhar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

DORSCH, Friedrich. **Dicionário de Psicologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LAFARGUE, Paul. **A religião do capital.** Tradução de J. Mega. Lisboa: Teorema, 1975.

LANE, Silvia. **O que é psicologia social?**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARCONDES, Ayrton. **Machado de Assis:** exercícios de admiração. São Paulo: A Girafa Editora, 2008.

MUSSEN, Paul. **O desenvolvimento psicológico da criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

TELES, Maria. **Psicodinâmica do desenvolvimento humano:** uma introdução à psicologia da educação. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

VERGARA, Sylvia. **Projetos e relatórios em administração.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.